



Eduardo Bettencourt Pinto

José, o meu Pai Natal

José, o meu Pai Natal, era professor primário. As suas mãos eram grandes como lenços de sombra. Era alto, usava óculos, e movia-se como se estivesse parado de encontro ao muro do Tempo. Usava balalaicas, soltas como velas de barco sobre as calças largas. Enfrentava assim, com a roupa a dançar-lhe no corpo, o insuportável sufoco do calor húmido de Luanda.

Antes de ter descoberto a sua verdadeira identidade, a inocência levava-me a imaginá-lo segundo os veneráveis postais de Natal: gordinho, bonacheirão, as longas barbas num tumulto sobre o peito largo, a voz cálida e doce de quem é sereno e bondoso. No entanto, interrogava-me quanto à elasticidade física da sua dominante figura. Parecia-me inverosímil que ele, com aquele volume todo, pudesse descer por apertadas chaminés, atravessar incólume as labaredas e, sobretudo, reter na memória o nome de todos os meninos do mundo. E, no entanto, guardava essas dúvidas só para mim. No fundo, temia a verdade dos factos. Acreditar nesse mito tão belo

era uma forma de reter nas mãos a mágica forma de um irrecusável sonho. As dúvidas, por muito fortes, não dissipavam porém o mistério do mesmo modo com que a ambiguidade estremece a fé nos adultos perante o desconhecido. A magia daquela figura lendária sustentava-se na força da imaginação, no poder da música do Natal e na figura delicada do Menino Jesus aconchegado com imenso carinho no berço de palha. Havia uma dignidade muito delicada em tudo isso, uma energia tão forte que só o encantamento poderia explicar os seus contornos emocionais.

Numa noite de Natal, que foi uma espécie de deserto, olhos abertos no escuro, a leveza do lençol a cobrir-me a insónia, ouvi um rumor de passos. Levantei-me.

Descobri, alarmado, que o Pai Natal era o meu pai. Media os gestos com a cautela de quem tinha a responsabilidade de manter um segredo. Recuei e voltei a deitar-me.

No dia seguinte, logo pela manhã, eu e o meu irmão Carlos corremos para os nossos sapatos. Nesse ano, o Pai Natal tinha sido

imensamente pobre: coube a cada um de nós um carrinho de plástico.

Cresci muitos anos nessa manhã. Foi ao desenrolar a prenda que comecei a compreender que todos nós, de uma maneira ou outra, temos a responsabilidade de ser o Pai Natal. Essa é, enfim, a mensagem que vamos perdendo com a futilidade dos tempos. Este mundo tecnológico não nos tornou mais humanos com os dedos fincados nos telemóveis, os olhos no ecrã, completamente alheios ao que se passa ao nosso redor. A vulgaridade impôs-se com o seu mandato de hipocrisias e banalidades que só valorizam o imediatismo e o passageiro. A ausência perante o Outro, o escarnecimento dos valores tradicionais, o culto à vulgaridade e à aberração, o protagonismo descarado e a plasticidade nas relações.

Ao regressar ao Natal da minha infância sei que volto ao princípio do mundo. Aquele em que uma criança adormece com uma estrela de expectativas junto ao peito porque acredita em algo de sublime e transcendente.



Hernâni Bettencourt *

Vale Saúde. Vale tudo. E vale um pedido de desculpa?

O Vale Saúde foi criado por iniciativa do CDS/PP na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, tendo sido aprovado por unanimidade e, posteriormente, publicado sob a forma do Decreto Legislativo Regional n.º 19/2009/A, de 30 de novembro. E o que é o "Vale Saúde"? No texto enquadrador da iniciativa (preâmbulo) consta a resposta. E reza assim: "O Vale Saúde, tendo por objeto contribuir para a redução das listas de espera cirúrgicas de forma especialmente rápida e focada, serve para dar uma resposta mais célere e eficaz àqueles casos que estão há demasiado tempo em lista de espera para cirurgia nos hospitais regionais." Acrescentando-se, logo de seguida, que "Pela via da redução dos tempos de espera para realização de cirurgias procura-se, assim, prosseguir um melhor atendimento e conferir maior eficácia e humanização ao Serviço Regional de Saúde." Neste contexto, materializou-se no artigo 1.º do diploma acima identificado que se criava "o Vale Saúde na Região Autónoma dos Açores que se destina, exclusivamente, ao pagamento de cirurgias aos utentes do Serviço Regional de Saúde." Assim, de forma direta e objetiva, pode-se definir o "Vale Saúde" como um programa de

redução das listas de espera cirúrgica com recurso a serviços de saúde privados. Até às últimas semanas este programa era entendido, por todos, como uma importante ferramenta ao dispor dos utentes que se encontravam há demasiado tempo a aguardar a realização de cirurgia em determinadas especialidades médicas (oftalmologia, otorrino e cirurgia plástica). Acontece que uma entrevista da Dr.ª Isabel Cássio - Presidente do Conselho Médico da Ordem dos Médicos nos Açores - à RTP/Açores, na qual foram proferidas acusações quanto ao funcionamento deste programa, designadamente, sendo feitas referências a "promiscuidades" entre o setor público (Hospital Divino Espírito Santo) e o setor privado (Clínica Bom Jesus). Esta acusação, por si só, já seria suficiente para fazer estalar uma polémica, mas para ter maior dimensão era ainda preciso juntar um ingrediente fundamental: politizar. E nada melhor do que meter o PS e o PSD ao barulho. Dito e feito. E lá surgiu na peça, transmitida no Telejornal, a inevitável referência aos médicos e Deputados Luís Maurício e Dionísio Faria e Maia, sendo a este último, identificado como Deputado do PS e Vice-Presidente da Assembleia Regional, atribuído o

papel de vilão. Um vilão, tão mau, que nem o mais elementar direito lhe foi conferido: à apresentação de contraditório. Seguiram-se exigências de esclarecimentos por parte dos partidos da oposição e requerimentos do PS, PSD e PPM para audições parlamentares dos intervenientes no programa "Vale Saúde". As audições realizaram-se na passada quinta-feira, sendo de destacar o fato da Dr.ª Isabel Cássio ter esclarecido que a sua entrevista havia sido editada e que a referência a "promiscuidades" nada tinha a ver com eventuais abusos na gestão económico-financeira do "Vale Saúde", mas apenas à operacionalização dentro do Hospital do referido programa. E aqui chegamos à segunda parte do título. O vale tudo é uma modalidade de luta, que apesar de não apreciarmos pela excessiva agressividade, sabemos que tem algumas regras que contrariam o nome deste tipo de luta. Ora, em política e no respetivo tratamento pela comunicação social, também não vale tudo. E também há regras. Ainda que, neste caso, alguém se tenha esquecido de cumprir as mais básicas e elementares. E agora?

*Jurista